O DISCURSO DE TEMPO NO LIVRO DE ECLESIASTES

THE SPEECH OF TIME IN THE BOOK OF ECCLESIASTES

Jane Arestides dos Santos[1]

José Edson da Silva Lima[2]

RESUMO

O presente trabalho está centrado na prática de análise discursiva do Discurso de tempo no livro bíblico do Eclesiastes e tem como objetivo geral contribuir para a análise do discurso acerca das representações cronológicas no discurso religioso. Nesta análise, buscamos relacionar através das condições de produção da materialidade discursiva do livro do Eclesiastes as ideias que acompanham o conceito de tempo. Destacamos, na perspectiva da Análise do Discurso de Michel Pêcheux as concepções desse fenômeno como espaço das representações e significações humanas dentro do contexto de produção social instituído nos preceitos religiosos. Buscando, assim, desvendar esse elemento como lugar de fluidez da nossa vida.

Palavras-chaves: Eclesiastes. Discurso. Tempo.

ABSTRACT

The present work is centered on the practice of discursive analysis of the Discourse of time in the biblical book of Ecclesiastes and has the general objective of contributing to the analysis of discourse about chronological representations in religious discourse. In this analysis, we can relate through the conditions of production of the discursive materiality of the book of Ecclesiastes the ideas that accompany the concept of time. Highlighting, in the perspective of Michel Pêcheux's Discourse Analysis, the conceptions of this phenomenon as a space for human representations and meanings within the context of social production instituted in religious precepts. Thus seeking to unveil this element as a place of fluidity in our life.

Keywords: Ecclesiastes, Discourse, Time.

1. INTRODUÇÃO

A temática deste trabalho está voltada para a análise do Discurso do tempo no livro bíblico do Eclesiastes e tem como objetivo geral contribuir para análise do discurso acerca das representações cronológicas no discurso religioso. O intuito é pensar sobre as manifestações desse fenômeno na composição dos sentidos como lugar de interpretação humana.

[1] Pós-Graduanda em Linguagem e Práticas Sociais- IFAL – Email: janearestides@gmail.com

[2] Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas- UFAL – Email: edson.lima@proginst.ufal.br

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

O tempo sempre foi um grande mistério de decifrar. Diante de tantas concepções como podemos conceituar? Desde os primórdios até os dias atuais esse elemento histórico passou a testemunhar todas as atividades do homem e assim, revelar sua natureza social. Comprende-se, com isso, que em sua composição sócio-histórica o tempo possui caráter polissêmico. Visto que nem os homens, nem a história sobrevivem sem ele.

A fim de chegar aos objetivos propostos e compreender a temática do trabalho, propomos primeiramente apresentar uma discussão sobre o conceito da Análise do Discurso de Michel Pêcheux, como parte do processo de construção do referencial teórico aqui adotado. Por último, exploraremos as Condições de produção do discurso de tempo no livro do Elesiastes, dando ao leitor oportunidade de se aproximar de um assunto que pode provocar reflexão por ativar seu senso crítico.

O intuito desse trabalho é verificar as concepções discursivas sobre o tempo relacionando-o à realidade na qual é produzido, nesse caso, dentro do espaço religioso. Buscando assim, desvendar esse elemento como lugar de fluidez da nossa vida.

2. A ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso (AD) é uma área de conhecimento dentro da Linguística e da comunicação que tem por objeto de investigação os discursos. Segundo Lima (2018, p. 36), esse campo teórico teve "sua gênese associada a uma prática escolar francesa: a explicação de textos".

Fundada a partir dos embasamentos epistemológicos de Michel Pêcheux na década de 60 na França, esse campo disciplinar reflete sobre os efeitos sociais do discurso, tratando de entender como um texto funciona em sua discursividade.

Sobre esse assunto, Orlandi (2013, p. 01), diz que a Análise do Discurso é [...] "uma ciência da interpretação". Para a AD o texto é um espaço comprometido socialmente, que se configura como a expressão do pensamento de um indivíduo em que as condições sócio - históricas orientam não só o que se diz sobre o mundo, mas também a forma que se escolhe para dizer: as representações sobre a situação de interação, sobre os interlocutores, sobre os temas e sobre a própria linguagem, ou seja, não precisa ser constituído apenas por palavras. Um texto é sempre material, conjunto de frases e imagens organizadas, portador de sentido.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

Nesse entender, Carneiro (2008, p. 16), diz que: "[...] a Análise do Discurso não foi projetada para ser apenas um simples campo de estudo, mas para ser um instrumento de intervenção política."

Segundo essa teoria, o discurso deveria ser estudado em seus aspectos constituintes tais como: o sujeito, a ideologia, o contexto sócio-histórico. Para a AD os discursos são manifestações políticas e sociais, por isso, só podem ser explicados através desses elementos.

Baseando-se nisso, Orlandi (2009), diz que o "discurso é a utilização da linguagem como prática social". Compreende-se a partir de seu pensamento, que a linguagem age como intermediária entre o sujeito e o meio social ao qual o sujeito está inserido. Ou seja, ela é prática social inscrita na história que está relacionada ao exercício da comunicação. Por isso, sua manifestação não se faz por ela mesma. Isso acontece porque a língua é um sistema atravessado por falhas, ela não pode ser vista, a partir de sua inscrição na história, como um sistema fechado, pautado em regras convencionadas, mas a partir de uma estrutura não-estabilizada.

Ainda sobre esse assunto, Orlandi (2009, p.15), diz que a "Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social."

Para a AD, em todos os acontecimentos existe um encaminhamento trivial no que se refere ao termo discurso quanto à sua significância no estudo da linguagem. Isso acontece porque temos a língua-sujeito-história inseparáveis.

Nesse entender, Bandrão (1993, p. 91 *apud* CARNEIRO, 2008, p.19), diz que a linguagem de modo geral é um lugar de conflito, pois nela a ideologia se manifesta concretamente e "a significação se apresenta em toda a sua complexidade". Ou seja, não há como empregar a linguagem sem expressar algum valor ideológico. Por isso, o discurso "[...] encontra-se o social e envolve questões de natureza não estritamente linguística." (FERNANDES, 2008, p. 12).

A partir desses pressupostos, Ferreira (2005, p. 13 *apud* FLORÊNCIO *et al*, 2007, p.14), diz que:

> Esse elemento é diferente tanto da língua, quanto da fala. Ele não é o mesmo que transmissão de informação, nem é um simples ato do dizer. Sua natureza é muito mais complexa: "É no discurso, precisamente, que se concentram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito"

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

Segundo essa teoria, o sentido de um discurso não é encontrado nele mesmo uma vez que não há neutralidade, isso acontece porque temos o social e o histórico indissociados. Ou seja, não há separação entre linguagem e exterioridade.

Tratando deste tema, Pêcheux (1988, p. 60, *apud* FLORÊNCIO *et al*, 2007, p. 24), diz que:

> [...] o sentido (de uma palavra), afirma "não pertence à própria palavra," não é dado em sua relação com a 'literalidade do significante': ao contrário, é determinado pelas oposições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual palavras, expressões e proposições são produzidas.

Conforme Pêcheux, as estruturas linguísticas não seriam suficientes para explicar um discurso. Para ele, o sentido das palavras não está preso nelas mesmas e muito menos num amontoado de regras gramaticais. Segundo seu pensamento, são as relações humanas, históricas que caracterizam um discurso, ele existe também em função das escolhas da interação, em função da intersubjetividade dos sujeitos que protagonizam os papéis de interlocutores desse processo.

Sobre esse assunto, Maingueneau (1987), descreve a Análise do Discurso francesa como sendo uma disciplina que reflete sobre o texto, a história (marxismo) e a Psicanálise, articulando o linguístico ao social. "[...] A Análise do Discurso se constitui num espaço disciplinar que põe a Linguística com as Ciências Socias", (ORLANDI, 1994, p. 54). Ou seja, para que possa ser vista em sua concretude, ela vai romper com a tradição dos estudos sobre a linguagem e entrelaçar-se a outros campos disciplinares.

Por compreender a linguagem em seu funcionamento essa teoria deve ser "[...] pensada espontaneamente nos mesmos moldes da relação estabelecida entre objeto empírico e disciplina que estuda esse objeto". (MAINGUENEAU, 2007, p.18).

A Análise do discurso é, desse modo, definida como "ciência de entremeio". Por isso decorre a noção de interdisciplinaridade. Através da AD é possível perceber a linguagem em seu funcionamento. Ela permite que esse campo se abra para outras reflexões, reforçando a ideia de que o discurso é constituído historicamente, não sendo algo pronto e acabado.

> A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicacão ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interacão, e um modo de producão social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. Ela é o "sistema-suporte das representacões ideológicas [...] (BRANDÃO, 2004, p.11)

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

Baseando-se nisso, é significativo considerar algumas categorias que a AD estuda em seu caráter interdisciplinar e que serão de fundamental importância para o estudo aqui proposto.

2.1- A noção de discurso

De acordo com a AD, o discurso é a utilização da linguagem como prática social. Modo de produção de texto e funcionamento linguístico possuidor de características políticas e ideológicas que por sua vez caracteriza o modo de agir ou de pensar de alguém, tornando-se um ato de comunicação em determinada situação. Para Pêcheux (*apud* ORLANDI, 2009, p. 21), "[...] o discurso é o efeito de sentidos entre locutores."

A esse respeito, Carneiro (2008, p.15) diz que,

> [...] o discurso é a língua posta em funcionamento por sujeitos que produzem sentidos numa dada sociedade. Sua produção acontece na história, por meio da linguagem, que é uma das instâncias por onde a ideologia se materializa. Portanto, tem uma natureza tridimensional.

Partindo do conceito de discurso, Orlandi (1999, p.15), argumenta que dentro da linguagem tal palavra é o recurso mais importante que o homem conseguiu utilizar. Segundo ela, através de seu discurso o ser humano passou a dispor de inúmeras possibilidades de transmitir e comunicar ideias.

> "[...] a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando".

Sobre esse assunto, Florêncio *et al* (2007, p. 27) diz que:

> "[...] todo discurso é uma resposta a outros discursos com quem dialoga, reitirando, discordando, polemizando. Sendo produzido socialmente, em um determinado momento histórico, para responder às necessidades postas nas relações entre os homens, para a produção e reprodução de sua existência, carrega o histórico e o ideológico dessas relações."

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

Segundo Florêncio, o sentido de um discurso remete a espaços habitados simultaneamente por outros discursos. Sendo este uma visão de mundo vinculada, mais precisamente, ao sujeito da enunciação e à sociedade em que vive. Isso acontece porque os discursos às vezes se cruzam outras vezes se ignoram ou se excluem. Devido ao fato de que um ato discursivo retoma outro e mais outro, então, nos diz que todo discurso já nasce filiado a outro discurso. Por isso, é necessário recordar outros discursos que nele interferem.

Cada discurso baseia-se em um estilo, em um conteúdo e em uma composição divergente. Isso acontece porque os discursos entram em relação com outras unidades discursivas. Ou seja, são correntes de transmissão entre o sujeito e a história.

2.2 - Formação Ideológica e Formação Discursiva

A noção de Formação Ideológica (FI) e Formação Dicursiva (FD) na Análise do Discurso de Michel Pêcheux caracteriza-se por constituir um conjunto de representações entrelaçadas sobre as práticas discursivas do sujeito enunciador num dado contexto sócio-histórico.

Segundo Lima (2018), estas duas categorias discursivas estão fortemente ligadas às suas condições de produção. Explica este autor, que esta relação de sentido para Pêcheux acontece a partir de lugares discursivos em que os sujeitos participam, repercutem em sua existência as posições políticas ideológicas vividas pelo homem em sua realidade. Portanto, são indissolúveis.

> No interior da AD pecheutiana, formação ideológica e formação discursiva são conceitos e categorias de análise inextrincavelmente interligados. Cada formação ideológica comporta, para Pêcheux (1988) (e diferentemente de Foucault, que não desenvolveu um conceito similar ao de formação ideológica), uma ou várias formações discursivas interligadas, (LIMA, 2018, p. 44).

Com base nessa relação, Lima ainda, assinala que estas categorias para AD desenvolvida por Michel Pêcheux são distintas das ideias de Foucault, que ao contrário, não "[...] reconhece a existência da luta (ideológica) de classe", (PÊCHEUX, 1988, p. 254, *apud* Lima 2018,p. 44).

Tratando deste tema, o próprio Pêcheux afirma que,

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

> A noção de máquina de "formação discursiva" emprestada a Foucault pela análise do discurso derivou muitas vezes para a ideia de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de estrutura semiótica interna e por isso mesmo voltada à repetição: no limite, esta concepção estrutural da discursividade desembocaria em um apagamento do acontecimento, através de sua absorção em uma sobre-interpretação antecipadora. (PÊCHEUX [1938 – 1983], 2012, p. 56).

Nesse entender, Pêcheux diz que Foucault criou categorias discursivas fechadas, ou seja, repetidas numa mesma FD, destacando com isso, a ideia de apagamento dos acontecimentos discursivos, o que para ele, não se anulam. De acordo o seu pensamento, o que muda são o contexto sócio-histórico a que um discurso está relacionado, a maneira como o sujeito é interpelado pelo seu próprio discurso na medida que se filia a uma formação ideológica. Por isso, as FDs surgem para o efeito da enunciação como as posições assumidas pelos sujeitos nos seus espaços discursivos.

Coisa semelhante lemos em Orlandi (2007, p. 20):

> As formações discursivas são diferentes regiões que recortam (o interdiscurso, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares aí representados, constituem sentidos diferentes.

Segundo Orlandi, o interdiscurso, a memória do dizer constituem-se em regiões que abrigam os sentidos de um discurso, representando as formações discursivas que se refletem na ideologia.

Partindo desse entendimento, essa mesma autora em outro momento afirma que esses lugares discursivos se entrelaçam mutuamente na constituição do sujeito discursivo. Por isso, a "[...] formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito." (Idem, 2009, p. 43).

Sobre esse assunto, Pêcheux e Fuchs (1990, p.166-167) compreendem que:

> As formações ideológicas [...] comportam necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada [...], numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico e inscrita em uma relação de classes.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

De acordo com essa perspectiva as formações discursivas representam no discurso as formações ideológicas. Estas por sua vez representam a história de todas sociedades, ou seja, as "lutas de classe". Por isso, uma "FD é atravessada por outras FDs" que se constrói como uma forma de projeção do mundo determinada pelas projeções ideológicas que "interperlam os sujeitos em seu discurso".

"[...] cada discurso é carregado de ideologias." Ou seja, "somos sempre constituídos por discursos que se filiam a ideologias diferentes, o que nos torna heterogêneos e contraditórios", (BARTHO, 2016, p. 35).

Sobre essa descrição Pêcheux assinala que:

> é a ideologia que fornece as evidências pelas quais "todo mundo sabe" o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado 'queiram dizer o que realmente dizem' (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Para Pêcheux, não há sentido no discurso sem articulação do simbólico (ideologia). Segundo ele, existe uma relação de diálogo inerente ao enunciado num ato discursivo que está associada a um saber preexistente, ou seja, a outras representações mencionadas anteriormente.

A partir daí pode-se entender que língua, história e sociedade estão ligadas entre si por laços indissolúveis. Todos nós fazemos parte de uma sociedade e temos uma cultura que é a marca da história de nossas vidas. Ninguém pode negar essa indissolubilidade que há entre a língua e a sociedade, ou melhor, ainda, não há como nos negarmos a confirmar essa relação profunda onde tais especificidades estão presentes.

2.3 - Sujeito na perspectiva de Lukács

A categoria sujeito para a Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux está associada a um ser "simbólico, dividido, interpelado pela ideologia e pela história", submetido em suas vivências de mundo, determinado a produzir os sentidos dentro dos espaços que ocupa.

Segundo Lukásc (2013, *apud* Lima 2018, p. 40), o sujeito é visto "como ser prático que reage às demandas postas pela realidade objetiva, um ser que dá respostas as necessidades determinadas." Para esse autor, o sujeito da AD é um ser independente, que dispõe de sua

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

existência em um espaço social e histórico, detentor de uma opinião, podendo provocar mudanças no meio social, por ter a capacidade de transformar a sua realidade.

Acerca desse assunto, Pêcheux (1990:56 *apud* LIMA 2018 p), admitindo uma agitação do sujeito como um ente produtor do contexto onde se insere, dirá que:

> Todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas, de todo modo, atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço.

Tratando disso, o próprio Lukásc vai dizer que o sentido é socialmente construído pelo homem para o homem, para si e para os seus semelhantes; na natureza é uma categoria que não existe de modo algum portanto, nem mesmo como sua negação, (Lukács,1997:70). Para esse autor, os homens estarão sempre conectados em pensamento e atividade.

"Na perspectiva lukasciana, somente o ser humano é capaz de estabelecer um fim para seus atos e, ao mesmo tempo, antever os resultados. (LIMA, 2018, p. 40)." Desde muito cedo em seu convívio social e pessoal o homem aprende a defender suas ideias e assim influenciar pessoas levando-as a aceitar seu ponto de vista sobre suas visões de mundo.

> [...] os homens fazem a história, ainda que em circunstâncias que não escolheram. Tanto as "circunstâncias" como a reação dos homens a elas são igualmente produtos da síntese dos atos singulares em complexos e tendências sócio históricas universais. (LESSA, 2012, p. 30).

Nesse entender, Cavalcante (2005, p. 6), diz que toda ação do sujeito parte de uma realidade objetiva. Segundo ela, "[...] o sujeito não se "assujeita" a partir das determinações sociais, mas nelas se constitui provocando mudanças exatamente porque ela é heterogênea e contraditória."

Diante dessas considerações sobre o sujeito, é possível perceber que dentro do campo da discursividade não existe o assujeitamento, uma vez que na comunicação todos os interlocutores desse processo exercem livremente seu direito à autoexpressão, compartilhando em cada espçaço discursivo ideologicamente marcado pelas estruturas sociais suas visões de mundo habitado por ele.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

2.4 - O dito e não-dito

O dito e não-dito constituem as circunstâncias enunciativas que os sujeitos em determinado momento relacionam sua fala ao produzir seus discursos. Ou seja, os sentidos das palavras estão intrinsecamente ligados a um contexto sócio-histórico, a quem as enuncia. Isso implica dizer que os discursos são invadidos por outros elementos pré-construídos, advindos de outras épocas, de outras formações discursivas.

Com relação a esse assunto, Orlandi (2009, p. 43), diz que [...] todo discurso se delineia na relação com outros: dizeres presentes e dizeres ausentes que se alojam na memória discursiva. Segundo essa autora, os discursos são construídos a partir de outros discursos já-ditos, esquecidos e retomados "num imaginário em que sua memória não reverbera. Estaciona. Só repete." (Idem, p. 54).

Em conformidade com essa descrição, pode-se conceber que o dizer do sujeito é atravessado por outros dizeres já produzidos, conservados em suas memórias. Por conseguinte, observa que um enunciado não se reduz a um único sistema linguístico. Isso implica dizer que o sentido de um discurso deriva das FDs. E é por isso, que as manifestações discursivas estão sempre voltando, se ressignificando.

Tratando desse assunto, Pêcheux (1988, *apud* LIMA, p. 46), diz que os dizeres são determinados pelas FDs. Segundo ele, as formações discursivas compreendem o que "pode e deve" ser dito dentro de uma situação discursiva.

> [...] toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao 'todo complexo com dominante' das formações ideológicas. [...] propomos chamar **interdiscurso** a esse "todo complexo com dominante" das formações discursivas. (Idem, apud 1988, p. 166, apud Lima 2018, p. 47).

Sobre esse assunto Orlandi (2009, p. 31), diz que:

> Interdiscurso – é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentado cada tomada da palavra.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

A partir dessas considerações acerca do interdiscurso, vê-se que o sujeito do discurso vai buscar em suas memórias certas indicações discursivas (ideias pré-construídas, efeitos simbólicos) que serão selecionadas para estabelecer seu posicionamento de acordo com as situações que determinam o que pode ser dito.

Pêcheux (1988, p. 151 apud LIMA, 2018, p. 47), por sua vez, define esse conceito da seguinte forma: "Diremos, então, que o 'pré construído' corresponde ao 'sempre-já-aí' da interpelação ideológica que fornece-impõe a 'realidade' e seu 'sentido' sob a forma de universalidade ('o mundo das coisas') [...]".

Entende-se a partir disto que " [...] Todo dizer é ideologicamente marcado." (ORLANDI, 2009, p. 38). Segundo essa autora, a ideologia determina as condições materiais necessárias para que sujeitos produzam seus discursos, situando-os inclusive, dentro dos critérios espacial e temporal.

Desse modo, o interdiscurso ou pré-constrído (memória do dizer) que é o tipo de argumento que existe previamente ao ato da comunicação são muito importantes na produção do discurso.

Baseando-se nisso, Cavalcante (2005, p. 5), diz que "[...] o sujeito traz em si todas as vozes que o antecederam, um mundo que já foi articulado, compreendido diferentemente."

Isso implica dizer que de certa forma os indivíduos são sempre levados a habitar outros dizeres, ora silenciando para que suas palavras seja carregadas de sentido. "As palavras são cheias de sentido a não dizer e, além disso, colocamos no silêncio muitas delas. O *silêncio é fundante*." (Orlandi, 2007, p.14).

A partir daí pode-se entender que os discursos englobam as diferentes perspectivas do mundo. Fundem-se, misturam-se, deslocam-se incessantemente, sendo reformulados e ressignificados. Por isso, devem apresentar ideias e opiniões numa progressão constante, a partir do acréscimo de informações novas aos enunciados anteriores.

3. ANÁLISE DAS MATERIALIDADES

3.1 - Constituição do corpus: Livro do Eclesiastes

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

Elaborado na Palestina, nos meados do século III a.C., por volta de 250 a.C., o livro do Eclesiastes ou Coélet é uma compreensão de discurso religioso composta doze capítulos que traz em seu entendimento indagações sobre o comportamento do homem em toda a sua história.

Segundo a Sagrada Escritura, a obra de literatura sapiencial (poética) foi escrita pelo Rei Salomão. "Palavras de Coélet, filho de Davi, rei em Jerusalém"., (Bíblia Sagrada, Eclesiastes 1: 1, 2010, p. 817). Salomão foi considerado um rei portador de uma imensa sabedoria. Nesta obra o autor se dedica a encrontrar um sentido para a vida.

Ao longo desse livro, o autor nos convida a refletir sobre a busca do propósito da vida. Toda a explicação para as suas indagações ilustram a sua própria vivência. Então, ao final de tudo Salomão chega a conclusão de que tudo é passageiro e no final de tudo a vida retorna para Deus.

3.2. Análise

A primeira materialidade discursiva sobre o discurso de tempo a ser abordada nesse estudo inicia-se com a análise da expressão:

"Ó suprema fugacidade, diz Coélet, ó suprema fugacidade! Tudo é fugaz!" (BÍBLIA, Eclesiastes, 1, 2; 2, 1, 11, 15, 17, 22; 6, 8 7, 6; 12, 8).

O que se pode ver nessa sequência discursiva? Inicialmente, observamos, na materialidade, que o discurso religioso aparece atravessado pelo emprego metafórico das palavras "fugacidade" e "fugaz" como sinônimo de tempo. Nessas passagens do livro do *Eclesiastes,* a solicitude desses termos imprime a ideia de que a vida é passageira, passa depressa.

A partir daí, temos então, a memória do dizer instituída na ideologia de que um dos grandes pecados da humanidade sempre foi o apego às coisas que não são essenciais. De certa forma, o homem gasta a maior parte de seu tempo para acumular riquezas. Isso significa dizer que os homens estão para a submissão da imperatividade do mundo capitalista, aprisionados num tempo onde tudo é vazio de sentido e por não perceberem que tudo passa também perecem neste vazio. A vida assim como o tempo é efêmera, é como "vapor que se esfumaça no vazio" da superficialidade das coisas (vaidades, trabalho, riquezas, etc). Em meio a esse

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

contexto, instala-se a noção de que a felicidade não está nas riquezas materiais, tudo se escapa das nossas mãos. Trata-se de perceber como esse âmbito do prazer não dura para sempre.

Dentro das condições de produção estritas a tematização das palavras "fugacidade", "fugaz" na Bíblia Sagrada imprime a ideia de tempo em seu caráter abstrato e concreto. Significa então, compreender que o tempo em sua concretude é passageiro (inexorável). No âmbito abstrato, o emprego dessas palavras simboliza o desperdício de tempo que o homem gasta com coisas supérfluas e não percebe que o tempo passa, não volta mais.

Passando adiante encontramos no terceiro capítulo do mesmo livro em estudo o discurso de tempo compreendido em seus limites tal como é visto no seu manifestar dentro das significações humanas.

Na análise da segunda sequência encontramos o seguinte:

Eclesiastes, capítulo 3, versículos 1 a 15:
1. Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo dos céus:
2. tempo para nascer, e tempo para morrer; tempo para plantar, e tempo para arrancar o que foi plantado;
3. tempo para matar, e tempo para sarar; tempo para demolir, e tempo para construir;
4. tempo para chorar, e tempo para rir; tempo para gemer, e tempo para dançar;
5. tempo para atirar pedras, e tempo para ajuntá-las; tempo para dar abraços, e tempo para apartar-se.
6. Tempo para procurar, e tempo para perder; tempo para guardar, e tempo para jogar fora;
7. tempo para rasgar, e tempo para costurar; tempo para calar, e tempo para falar;
8. tempo para amar, e tempo para odiar; tempo para a guerra, e tempo para a paz.
[...]
11. todas as coisas que Deus fez são boas, a seu tempo. Ele pôs, além disso, no seu coração a duração inteira, sem que ninguém possa compreender a obra divina de um extremo a outro.
[...]
15. Aquilo que é, já existia, e aquilo que há de ser, já existiu; Deus chama de novo o que passou.

Nessa sequência descritiva, encontramos o fator tempo determinando os acontecimentos da vida. O discurso aqui apresentado mostra que o tempo é simultâneo e sucessivo, ou seja, possui transitoriedade. Essa temática é retratada especificamente na formação discursiva dos versículos 3: 1 – 8, do capítulo terceiro do livro do Eclesiastes cuja a

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

informação é evidenciada pelo emprego enfático das expressões *"Para tudo há um tempo [...], tempo para nascer, e tempo para morrer, tempo para ..., etc".* Nota-se nessa passagem bíblica que cada acontecimento tem o seu lugar no tempo. Ou seja, os eventos que ocorrem no tempo possuem começo, meio e fim. Isso ocorre, porque o próprio tempo possui os seus limites.

À vista disso, percebe-se que todas as coisas inclusive os movimentos dos homens devem estar em consonância com a linearidade do tempo. Tudo tem seu ritmo, inclusive o tempo.

No contexto imediato deste capítulo, temos a interpretação de que no plano terreno esse mundo tem também o seu próprio ritmo, ou seja, tempo para isso, tempo para aquilo, sem nos deixar muita escolha. Muitas vezes essa limitação se torna implacável diante das exigências cronológicas.

Prosseguindo com a análise da materialidade desse mesmo capítulo, temos no contexto amplo o discurso histórico de que "Deus é eterno e tudoque ele faz tem seu tempo". Essa relação se completa com a afirmação de que "todas as coisas que Deus fez são boas, a seu tempo. Ele pôs, além disso, no seu coração a duração inteira, sem que ninguém possa compreender a obra divina de um extremo a outro". (Eclesiastes 3, 11, *apud* Bíblia Sagrada, 2010, p. 819).

Sobre esse assunto, Santo Agostinho (1987, p. 211 *apud* Carneiro 2004, p. 222) diz que:

> "[...] existem, pois, o céu e a terra. Em voz alta dizem-nos que foram criados, porque estão sujeitos a mudanças e vicissitudes". Somente as coisas criadas por Deus estão sujeitas à relação de sucessão temporal. O criador constituiu todas as coisas pela palavra (verbo) e estas palavras foram pronunciadas eternamente, [...].

Com relação a esse tema Orlandi (2011), diz que:

> [...] o mundo espiritual domina o temporal. O locutor é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, efêmeros falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens. (ORLANDI, 2011, p. 243 *apud* Lessa, 2014, p.15).

Com essa descrição, observa-se que dentro do discurso religioso o tempo é divindade de Deus, ou seja, criação, flui instante após instante, portanto, escapa a todas às ciências

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

humanas (físicas, matemática, psicologia, etc). Isso implica dizer que a seu tempo, Deus está conduzindo a história. Por isso, a história dos homens não sobrevive sem a temporalidade.

A partir daí, compreendemos que a primazia do tempo não é apenas a construção de períodos históricos tracejados numa conjuntura cronológica. Por sua vez, a natureza do tempo possibilita a humanidade a realizar, experienciar novas pesquisas, desenvolver projetos, construir novos sentidos para compreender o mundo que nos rodeia. Ou seja, diante da realidade posta aos homens o tempo pérpetua mudança.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos capítulos analisados do livro bíblico do Eclesiastes e da fundamentação teórica desta pesquisa, podemos tecer algumas considerações acerca da abordagem do discurso do tempo.

Podemos inferir por meio das análises aqui realizadas que no âmbito do discurso religioso o tempo é múltiplo – é preexistente ao homem e também movimento posterior, ou seja, existe antes do homem, não tem começo, meio e fim. Logo, toda primazia desse elemento toma os espaços espirituais que manifesta à criança, ao adolescente e também ao adulto uma disponibilidade, um acolhimento, uma presença dialógica, principalmente a possibilidade de mudarmos não somente o rumo da nossa vida, mas também o mundo que nos rodeia.

Além disso, esse fenômeno natural no mundo concreto revela movimento, tem a finalidade de situar os lugares identitários dos homens, tais como lugar de essência, lugar da quantidade, lugar do existente. Pois além de fazer parte da história é também espaço adequado para realização das atividades de interação entre os humanos cuja ação discursiva se realiza na tríade do falar, dizer e mostrar através dos tempos passado, presente e futuro.

Com isso, compreendemos por meio da materialidade discursiva analisada que diante da primazia do tempo existe um intervalo de acordo com a vontade de Deus para que os seres humanos realizem seus propósitos.

REFERÊNCIAS

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

BARTHO, Viviane Dinês de Oliveira Ribeiro. **Análise do discurso:** concepções teóricas para a prática docente. Viviane Dinês de Oliveira Ribeiro Bartho; Alessandra Aparecida de Castro Claro. Taubaté: UNITAU, 2016.

BÍBLIA, A. **Nova Bíblia Pastoral**, São Paulo, 2010, Ed. Paulus, 13,7 x 21cm, 1.584 p.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BOSI, Alfredo, 1936. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

CARNEIRO, Eduardo de Araújo. **Análise do Discurso: notas introdutórias** (Apêndice), In: __. **O Discurso Fundador do Acre: heroísmo e patriotismo no último oeste**. Dissertação de Mestrado em Letras – Linguagem e Identidade, Departamento de Letras, UFAC, Rio Branco – Ac, 2008. (orientadora: Prof.ª Dr. Marisa Martins Gama-Khalil – UFU.

CARNEIRO, M. C. **Considerations on the idea of time in St. Augustine, Hume and Kant**. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.8, n.15, p. 221-32, mar/ago 2004.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. **O Sujeito Responsivo/Ativo em Bakhtin e Lukács**. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso (2.: 2005 :Porto Alegre, RS) Anais do II SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico] – Porto Alegre : UFRGS , 2005. Disponível em: http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead2.html

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

LESSA Sergio. **Mundo dos homens: trabalho e ser social.** 3ª edição - revista e corrigida. Instituto Lukács. São Paulo, 2012.

LIMA, José Edson Ferreira. O Percurso teórico (seção I), In: ___. **O Discurso sobre o trabalho docente no texto jornalístico:** sentido história e memória. Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras, UFAL, Maceió-AL, 2018, 106f.

LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social**. V. II. Tradução de Nélio Schneider, Ivo Tonet e Ronaldo Vielmi Fortes.São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **O Trabalho**.Tradução de Ivo Tonet. Maceió: 1997, Mimeo.

MAINGUENEAU, D. **A análise do discurso e suas fronteiras**. (Universidade Paris XII)-matraga, Rio de Janeiro, v.14, n.20, p.13-p.37, jan./jun. 2007.

_____. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.

MELO, Renato. **A construção de sentidos como operação discussiva na enunciação.** *In* lingua(gem), texto, discurso, v.1: entre a reflexão e a prática / Glaucia Muniz Proença Lara (org.).Rio de Janeiro: Lucerna: Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

_____. **A linguagem e o seu funcionamento:** as formas do discurso. 6.ed. Campinas: Pontes, 2011.

_____. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.

_____. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007

_____ **Discurso, imaginário social e conhecimento**. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994

_____. **A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico.** In. DIAS, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/ Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

PÊCHEUX, M, e FUCHS, C. **A propósito da Análise Automática do Discurso**: Atualização e Perspectivas. In: GADET e HAK (org). Por uma análise automática do discurso. 3 ed. Campinas, SP: Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M, 1938 - 1983. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 6. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

Revista Língua & Literatura, v. 22, n. 40, p. 180-196, jul./dez. 2020.
Recebido em: 17 out. 2020.
Aceito em: 24 nov. 2020.